

COLAGEM COMO EXPERIMENTO METODOLÓGICO INSURGENTE

Flora Menezes Tavares¹

Esse ensaio visual é um desdobramento da pesquisa “Experimentos metodológicos insurgentes na prática de Arquitetura e Urbanismo ou modos de fazer-junto na cidade”, apresentada por mim como Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA em 2022. Nele, afirmo a colagem como lugar de pensamento, buscando contribuir para a discussão sobre modos não hegemônicos de produção de conhecimento a partir de práticas educativas, artísticas e coletivas. Aprofundando reflexões sobre a colagem como metodologia nesses contextos, emergem debates sobre cidade, memória e estética que se baseiam em atividades pedagógicas recentes. Nesse sentido, esse trabalho desenvolve-se sobretudo a partir de uma prática que vem sendo desenvolvida ao longo dos últimos anos, especialmente no contexto do TRAMA, organização da qual sou co-fundadora.

Para esse ensaio visual, elaboro novas colagens a partir de fragmentos de 3 trabalhos prévios. O primeiro é o podcast “Elas fazem cidade: protagonismo feminino nas tramas do cotidiano”, projeto do TRAMA² que cria um espaço de diálogo entre mulheres negras de diferentes territórios de Salvador. A partir da contação dessas histórias, disputamos narrativas e construímos um acervo único sobre estas trajetórias femininas, individuais e coletivas, que fazem a história da cidade. O segundo parte de uma criação artística para a divulgação do evento “Cidades Pretas”, atividade proposta em 2021 por professores/as da UFBA, compartilhando inquietações, reflexões e sensibilidades que refletem sobre o espaço urbano desde processos de expropriação colonial e de reinvenções quilombolas da vida coletiva. A terceira e última criação vem da experiência da Escola de Verão Monotrilho em Disputa, um encontro que ocorre em 2020 entre grupos de pesquisa da FAUFBA, associações de moradores e movimentos sociais com o objetivo de incidir nas controvérsias em torno da intervenção do Monotrilho, modal de transporte proposto em substituição ao Trem do Subúrbio Ferroviário de Salvador – uma intervenção polêmica, superfaturada, e carregada de violências.

Mais do que um método, a colagem nos coloca em contato com uma noção de cidade na qual as lacunas estão presentes e as camadas são expostas. Cidades são lugares plurais, heterogêneos, com uma vida urbana diversa na qual interagem múltiplas identidades e culturas. Há uma sobreposição de tempos, de práticas de espaço e de disputas. Cidades são ruidosas, fragmentadas, descontínuas. Como as colagens podem ser. Assim como as cidades são palcos de disputas e tensões, as colagens abraçam a controvérsia e a multiplicidade de perspectivas, proporcionando um encontro entre dissonâncias e uma diversidade de fragmentos. Ao permitir que múltiplas realidades

¹ Urbanista arquiteta pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pós-graduanda na Escola da Cidade através do programa “Cidades em disputa: pesquisa, história e processos sociais”. Atualmente trabalha como Coordenadora de Comunicação do TRAMA, organização da qual é co-fundadora, e do Instituto Vamos Juntas. É pesquisadora do LEIA - Laboratório de Estudos da Imagem e Arquitetura (FAUFBA). Por reconhecer a arquitetura como um campo de estudos ampliado, a interdisciplinaridade sempre faz parte de sua formação, explorando linguagens que aliam o interesse por design, fotografia e comunicação visual aliadas à temáticas sócio-políticas.

² O TRAMA é uma rede que, através do entrecruzamento entre comunicação, arquitetura-urbanismo, educação e artes, tece ativismos criativos e ações de impacto social junto a movimentos urbanos, universidade e instituições implicadas nos enfrentamentos às injustiças socioterritoriais e no combate ao racismo. Saiba mais em: @coletivo.trama no instagram.

coexistam dentro de uma única obra, a colagem joga com as fronteiras entre o real e o imaginário, tornando-se uma ferramenta propícia para discutirmos e inventarmos outros modelos de cidade, tarefa urgente da contemporaneidade. Com esse ensaio, apresento reflexões e questões que não foram ainda resolvidas, mas sim, que seguirão reverberando e se desdobrando em outras tantas.



Irmã Jacira Queiroz, educadora do bairro de Valéria, conta como a profissão de baiana de acarajé possibilitou à sua mãe a permanência no bairro, gerando renda e, sobretudo, tecendo redes de articulação com a vizinhança. O tabuleiro que se abre para a rua simboliza a convivência comunitária, característica do povo de África, segundo Jacira.

Como as memórias individuais e coletivas podem influenciar nossa percepção e compreensão do presente?

AQUI TREM DE TUDO.
 TREM FAMÍLIAS NEGRAS
 TREM PESCADORES
 TREM MARISQUEIRAS
 TREM ATÉ DOUTORES.
 TREM PLURALIDADE
 TREM AR FRESCO
 E LIBERDADE.
 TREM LIGA O
 SUBÚRBITO À CIDADE.
 Mano Xandão

para onde vamos?

disputa
 por
 permanecer

Criar algo sem saber aprioristicamente aonde se vai chegar. Romper com a linearidade. Recusar um modelo correto a seguir. O processo de feitura de uma colagem é flexível, e dialoga com a necessidade de abraçar os acasos e imprevisibilidades, nos fornecendo aprendizados importantes para a mediação de atividades coletivas em contextos de conflitos socioterritoriais. Como construir metodologias de atuação na cidade que escapem de moldes engessados, buscando refletir e (re)elaborar experiências práticas, amadurecendo e se modificando continuamente a partir da troca entre diferentes saberes?

Aproximando o mapa do Quilombo Buraco do Tatu (aprox. 1750) ao mapa da "Cidade da Bahia" (1801), somos convocados/das a des/re/pensar e re/imaginar cidades através de fabulações im/possíveis. A colagem pode (re)criar e subverter arquivos, recontando a história, e desafiando narrativas dominantes através de uma perspectiva crítica e criativa. Que histórias de cidades emergem desse encontro?